

Tópicos da Aula 5

Texto:

Kenedy, Eduardo. 2013. **Curso básico de linguística gerativa**. Contexto: São Paulo. Sintaxe e computações sintáticas, p. 177-208; cap. 8.

Texto de Apoio:

Negrão, E. V.; Scher, A.; Viotti, E. 2003. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In J. L. Fiorin (org.). **Introdução à Linguística II – Princípios de Análise**, p. 81-111. São Paulo: Contexto.

Kenedy (2013)

- Sintaxe nas aulas de língua portuguesa: sinônimo de análise sintática.
- A noção que vamos apresentar aqui difere bastante da abordagem apresentada “tradicionalmente” haja vista que nossa abordagem primária é a de identificação da sintaxe no SISTEMA COMPUTACIONAL: pensarmos a sintaxe em um conjunto de operações cognitivas que geram operações complexas como sintagmas e frases.
- Sintaxe: o componente da linguagem que tem mais ocupado a atenção dos linguistas gerativistas nos últimos 50 anos.
- Essa preferência justifica-se pelo fato de a sintaxe funcionar como o componente central da cognição linguística humana: “alimenta” os sistemas fonológico e semântico a partir de informações retiradas do léxico e da morfologia – ver fig. 8.1 (p. 178).
- A centralidade da sintaxe pode ser comprovada pelo fato de que os humanos raramente se comunicam por meio de palavras soltas, mas sempre combinadas em expressões complexas como sintagmas e frases.
- Sintaxe: a fração de nossa cognição linguística que lida com sintagmas e frases – ver p. 178.
- Descobrir, portanto, como é a natureza da sintaxe no interior de nossas mentes é um dos principais empreendimentos da linguística gerativa.

- Sintaxe é uma palavra que, nas ciências cognitivas assume o valor de “sistema computacional” da linguagem humana. É, portanto, para o gerativismo, um atributo da língua-I presente na cognição de cada indivíduo.
- Não diferentemente dos outros módulos de nossa cognição, certos fenômenos são universais e outros são variáveis.
- Em sintaxe, por exemplo, existem relações computacionais que se estabelecem entre um núcleo lexical e seu respectivo complemento: o argumento interno. A seleção desse complemento por um dado núcleo é um bom exemplo de uma dada propriedade sintática universal. Por outro lado, a posição linear que um núcleo ocupa em relação a seu complemento ilustra bem uma propriedade variável entre as línguas.

(1) *Português* – O professor comprou o livro (SVO)

(2) *Japonês* – *Sensei wa hon o katta* (SOV)

No português, o núcleo antecede o complemento (1); em japonês, o núcleo sucede o seu complemento (2).

- No sistema computacional, a unida mínima que importa é a *palavra* – existem outros tipos inferiores à palavra, mas eles não acessados pela sintaxe. Logo, é a palavra o item lexical que carrega um conjunto de traços.
- Em sintaxe, a unidade máxima é a “frase” – as computações linguísticas em nível superior à frase já não são executadas pela sintaxe, mas sim pelo discurso numa complexa rede de relações semânticas e pragmáticas inacessíveis ao sistema computacional.
- Mas não se esqueça que há um vasto oceano de computações linguísticas aquém da palavra e além da frase.
- E entre a palavra e a frase? Qual a unidade intermediária? Vejamos o conceito de *sintagma*.
- *Sintagma* é derivado da noção matemática de conjunto.
- Ao deslocarmos um argumento em uma frase, por exemplo, percebemos claramente o sintagma – o conjunto – seja ele ‘unitário’ ou de mais de um elemento – ver (1), (2), (3) na p. 181.
- O sintagma pode ser ainda constituído por elemento sem matriz fonética:
 - (i) _ Você conhece o Paulo?
 - _ Sim, eu conheço _ (*pro*) (p. 182)
- Os testes mais básicos para identificação dos sintagmas são: *interrogação*, *pronominalização*, *topicalização* e *elipse*.
- Um outro teste importante para identificação e comprovação de que as sentenças das línguas naturais não podem ser entendidas apenas como uma sequência

linear de palavras são um certo tipo de sentenças ambíguas – e as chamadas ambiguidades estruturais

- Ver: Negrão, Scher & Viotti (2003: 93-96)